



AVANTE!

PROLETARIOS
DE TODOS OS
PAIZES: UNI-VOS!

Ano I — Numero 3
Preço \$50

Orgão Central do Partido Comunista (S. P. da I. C.)

16 de Abril de 1931
PORTUGAL

Trabalhadores de Portugal!

Preparai-vos para um 1.º de Maio de verdadeira luta de classes!
Todos para a rua!

Não basta a paralisação do trabalho:

E' preciso gritar perante os ladrões agaloados que nos governam; perante a burguezia que nos explora; perante o social-fascismo que nos ilude e atraiçoa, a nossa revolta, a nossa miseria, a nossa fome, o nosso proposito de pôr termo á ditadura da burguezia, de instaurar o governo da maioria; o governo de operarios, camponezes, soldados e marinheiros.

E' preciso gritar, face a face, aos miseraveis que, dizendo-se defensores da classe operaria, pretendem a coberto do terror branco e das autoridades fascistas desvirtuar os fins profundamente revolucionarios da jornada internacional do 1.º de Maio, a sua traição, o seu papel de sabujos lacaios da burguezia.

**Soldados e Marinheiros!
Proletarios e Camponezes fardados!
Escravisados da caserna!**

Fraternisai com os vossos irmãos, escravisados do campo e da officina!

Organisai a luta decidida, energica, implacavel contra os vossos carrascos; contra os officiais e contra a odiosa disciplina que vos põe de guarda aos tesouros que a burguezia nos arranca e vos arranca!

Operarios e Camponezes, Soldados e Marinheiros!

Pela **EXPROPRIAÇÃO** dos **EXPROPRIADORES!**

Pela União Soviética, unica patria dos trabalhadores de todo o mundo!

Pelo reconhecimento do direito á vida dos desempregados!

Pelo aumento de salario e redução da jornada de trabalho!

Pelo direito de coligação dos soldados e marinheiros, contra os roubos de que permanentemente são victimas da parte dos officiais!

Pelo direito para os soldados e marinheiros de controlarem a administração das unidades!

NO TEATRO MUNICIPAL

A MANIFESTAÇÃO-FARÇA

Tal-qualmente como nos tempos da Constituição, em que o partido democratico realisava manifestações espontâneas com baloi-zinhos e tudo, aos seus chefes, na noite de 25 de Março, a Liga 28 de Maio, centro partidario da actual situação politica, realisou também uma manifestação com archotes ao seu fascista-mór.

Tal-qualmente como nos tempos da democracia o governo

fascista de hoje, protegeu com tropas a manifestação, e avolumou-a com todos os componentes proficionais e amadores da sua policia politica. Tal-qualmente como noutros tempos a Comissão falou em nome do povo, dos operarios, dos que lá não foram, dos que a odeiam até, arrogando-se uma representação prestigiosa que por demais, sabia não possuir.

A noite de 25 de Março, não foi, pois, mais do que um *plagio*, de metodos de acção politicos-burgueses, de tantas outras noites de constitucional entusiasmo. Não teve uma nota inédita.

Porém, a razão politica que a determinou e os objectivos a

(Continua na 8.ª parte)



O próximo 1.º de Maio

Estamos em pleno período de preparação do 1.º de Maio. Já todas as nossas organizações receberam das instancias superiores do Partido instruções concretas sobre o assunto. E' preciso que elas não fiquem letra morta para todos os nossos camaradas. E' preciso que as indecisões e erros postos cruamente a descoberto por toda a nossa organização em relação á jornada de 25 de fevereiro se não repitam.

A radicalisação das massas trabalhadoras é um facto que não deixa duvidas a ninguém.

Os trabalhadores portugueses sofrem simplesmente as desastrosas consequências de 15 anos de direcção confusa e atribiliária do anarco-sindicalismo, teoria absolutamente incapaz de os conduzir á vitoria; teoria de renuncia e de derrota que, quer entre nós, quer em Espanha, França ou America do Sul, onde conseguiu penetrar, conduziu o movimento operario á colaboração de classes (França) ou ao esmagamento das suas organizações (Espanha e America do Sul).

Falido o anarco-sindicalismo, passada a social-democracia para as fileiras da burguezia, só o nosso partido—o Partido Comunista—baseado numa teoria saudavel de luta e de classes, forjada ao calor de lutas constantes com a burguezia, aceitando todas as consequências da revolução, não temendo perante elas; teoria unica que poderá levar á revolução até ao fim, que conduziu o proletariado russo á vitoria sobre o capitalismo na guerra como na paz, na politica como na economia, na sciencia como nas artes, se apresenta como guia seguro para as massas trabalhadoras de Portugal.

Mas precisamente por isso, precisamente porque o nosso partido se apresenta como unico guia seguro para os trabalhadores aumentam as nossas responsabilidades. A pedra de toque dos partidos comunistas é a luta pratica, diaria, constante, implacável contra o sistema capitalista, na vanguarda da classe operaria.

Essa posição de vanguarda não se conquista apenas por verbalismo revolucionario; conquista-se com uma visão clara dos desejos, das necessidades dos trabalhadores, com uma dedicação sem limites pela classe operaria, com uma actividade febril na organização pratica e independente das lutas económicas, constituindo brigadas de choque, grupos de defesa das manifestações, contra a policia e contra o fascismo indigena, dotando a classe operaria dos orgãos indispensaveis á violencia da luta presente; conquistou-se sobretudo por uma consequencia revolucionaria, verdadeiramente bolchevique, por uma luta sem tréguas contra todos os desvios, toda a indecisão, toda a covardia nas nossas proprias fileiras.

O proximo 1.º de maio deve mobilisar totalmente todos os nossos camaradas, membros do Partido e juventudes, simpatizantes e sem partido. Ele deve ser aproveitado amplamente para aplicar a tatica de frente unica pela base, para denunciar a traição dos chefes anarco-sindicalistas e social-fascistas e recrutar para o nosso partido os elementos mais conscientes e devotados da classe operaria.

Ele deve ser ligado intimamente á luta contra a crise de trabalho, contra a redução de salários e contra o prolongamento da jornada de trabalho.

Ele deve sobretudo ser aproveitado para romper com decisão o ambiente conspiratorio, em que a repressão colocou o nosso movimento revolucionario, dando-lhe um vasto caracter

Os Ferroviarios, o Governo e a C. P.

Ha bastante tempo que os ferroviarios veem reclamando melhoria de situação. A situação dos Ferroviarios portugueses é um autentico escarneo á miseria dos trabalhadores. Os seus salarios como ainda recentemente verificámos pelo «O Reduto» vão de 120\$00 mensais a 6.200\$00!

Quere dizer, enquanto alguns ferroviarios recebem 120 escudos por mez, ha magnates dentro da C. P que recebem essa importancia em menos de meio dia de trabalho!

Pois a Companhia alega dificuldades financeiras para atender as reclamações do pessoal, e as autoridades, fieis creados da Companhia, acham bem.

Mais: a C. P. ameaça agora o seu pessoal de fazer uma redução no pessoal e nos salarios!

Camaradas Ferroviarios: devem ter-vos servido as longas e pacientes negociações que tendes vindo sustentando, ao menos para uma coisa: para vos demonstrar que não bons são os governantes como os vossos patrões; que nada vos cederão de bom grado; que nada conseguireis pela via pacifica.

Preparai-vos para a luta!

Organisai Comités de luta compostos dos camaradas mais dedicados em todas as estações e secções dos serviços ferroviarios!

Preparai-vos desde já para uma luta séria contra a Companhia e contra o Governo, que se servem mutuamente!

Preparai-vos para a greve, unica maneira de impedirdes a ofensiva contra os vossos salarios!

Trabalhadores de Transportes:

Em guarda para auxiliar os ferroviarios na sua luta contra o maior colosso capitalista de Portugal!

Renegados!

Os dirigentes anarco-reformistas do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, apavorados com a radicalisação dos trabalhadores e com o caracter agudo, violento, que a luta de classes vai tomando, com a influencia sempre crescente que o nosso partido alcança entre os trabalhadores da industria que não desmentem as suas tradições revolucionarias, depois de impellidos para o pantano infecto da colaboração de classes, da colaboração com os homens da ditadura militar, não exitam agora, como bons colaboracionistas, como bons serventuarios da burguezia, em se collocarem ao lado da ordem, da ordem burgueza, contra a *desordem*... bolchevista.

Assim é que apressadamente, covardemente, quando o governo em 25 de fevereiro tornou publico que reprimiria energicamente qualquer manifestação de rua contra a crise de trabalho, fizeram publicar na imprensa burgueza que «O Sindicato declara-se alheio a qualquer grupo politico que pretenda imiscuir-se neste ou noutros assuntos que só á organização sindical operaria dizem respeito.»

Podem estar descansados os renegados da Construção Civil. As autoridades sabem bem onde está o perigo para a ordem burgueza. Não os incomodarão. Elas sabem bem que o seu mais encarniçado adversario é o tal «grupo politico», é a Secção Portuguesa da Internacional Comunista—é o nosso Partido.

Os trabalhadores da construção civil, tambem se vão dando conta disso, tambem vão verificando que os logares do Conselho Tecnico vos subiram á cabeça e que apenas podem escapar de vós traições, covardias e indecisões. Eles viram bem como a vossa accção na última sessão magna deixou a perder de vista a dos social-democratas, fieis lacaios da burguezia; eles saberão lançar-vos pela borda fora e refomar o caminho revolucionario de que a vossa obra de renegados os tem feito afas-



DIA 25 DE FEVEREIRO, JORNADA INTERNACIONAL CONTRA O DESEMPREGO

O dia 25 de Fevereiro foi em Lisboa um dia de ansiedade. Vem a revolução para a rua? Temos greve geral? Vão rebentar bombas?

Eis as perguntas que os nossos picatos burgueses se faziam entre si. Logo de manhã o governo tinha feito publicar nos jornaes que não autorisaria manifestações, que as reprimiria energeticamente. Os quartéis tinham estado de rigorosa prevenção, tendo sido chamadas forças da provincia para Lisboa. Por toda a cidade, especialmente nos pontos centrais viam-se as ruas atravessadas em todos os sentidos por esquadões da guarda republicana. No Carmo, à cautela estacionavam camiões blindados, prontos a se-mear a morte à primeira vós.

Os mantenedores da ordem tinham remido, tinham elaborado o seu plano estratégico de repressão. A cidade foi dividida em zonas militares e os pontos de concentração foram cuidadosamente fixados.

As casas dos militantes operários conhecidos tinham sido de madrugada assaltadas pela policia que poucas prisões pode efectuar em virtude de muitos, à cautela, não terem ido ficar a suas casas.

A hidra ia ser esmagada. Assim o tinham resolvido os snrs. ministro do Interior, Governador Civil, Intendente Geral de Segurança publica, comandante da Policia e Director da Policia de Informações.

Porquê todo este movimento?

Porquê todo este aspecto bélico que se emprastou a cidade?

Simplemente porque o nosso partido, cumprindo o seu dever revolucionário se tinha dirigido aos trabalhadores, empregados e desempregados, convidando-os a manifestar o seu protesto contra a miséria contra a fome que penetra traiçoeiramente nos seus lares desolados.

A burguesia indigena tem tanto a consciência dos negros crimes que, contra os trabalhadores, tem praticado, que trem de pavor ao seu mínimo protesto e toma os esfomeados como revolucionários.

Apezar porem do aparato bélico dos mantenedores da ordem algumas tentativas se fizeram no sentido de organizar manifestações, logo dispersas pela intervenção violenta da policia e da guarda republicana que pejavam as ruas da baixa. No Terreiro do Paço, no Caes do Sodré, no Alto do Pina e Parque Eduardo VII a policia e a guarda fez uso dos sabres e dispersou rapidamente os que apesar de tudo queriam gritar a sua miséria.

No Alto do Pina esboçou-se mesmo um assalto a uma padaria, logo violentamente reprimido. No Terreiro do Paço e Caes do Sodré ficaram trez trabalhadores feridos e mais haveria se o intento fosse levado por deante.

Por toda a cidade e especialmente nos pontos centrais viam-se grupos de trabalhadores que miravam com uma revolta mal comprimida, o aspecto bélico das ruas.

A força bruta venceu. As digestões dificeis dos acomodados não seriam perturbadas pelos gritos de revolta dos esfomeados.

O governo podia dizer á noite, como o tzarismo: *Reina a paz em Lisboa.*

Desta jornada nós devemos tirar várias lições, e descobrir desassombadamente os nossos erros, os nossos defeitos para os emendarmos de futuro.

Em primeiro lugar ele demonstrou que a linha politica do Partido é a linha justa e adaptavel á situação; que as massas operárias se radicalisam rapidamente; que começam ouvindo com interesse as nossas palavras de ordem e se dispõem a applicá-las na prática. Milhares e milhares de trabalhadores acorreram ao nosso apelo e manifestar-se-hiam decididamente por elas se não fosse a repressão violenta, selvagem dos janizaros da ordem.

Em segundo lugar ela poz a descoberto a fraqueza da nossa organização; ela demonstrou o que ha muito vimos repetindo que a organização partidaria não corresponde de modo nenhum o grau de influência adquirido. Que a nossa organização para a luta está longe de corresponder ás tarefas imperiosas do momento presente.

O capitalismo não exita em se servir de todas as armas para

sufocar os gritos de protesto das massas trabalhadoras. Muitos camaradas ficaram surpreendidos com as desusadas medidas de repressão postas em pratica e muitas das nossas organizações vacilaram e n iniciar a luta.

Não podemos fazer a mínima queixa de que as massas trabalhadoras não corressem ao nosso apelo. Mais. Elas excederam-no até. Em muitas fabricas o trabalho foi abandonado por completo, apesar de não termos lançado a palavra de ordem da greve.

Unicamente as nossas organizações agiram bastante á moda anarquista. Confiaram demasiado na benevolencia da força publica e na espontaneidade da ação.

Não se realizou seriamente o trabalho de organização dos grupos de auto-defesa. Não se constituíram os comités de luta; não se sistematizou convenientemente o trabalho de rompimento das manifestações apesar da opposição da força publica. Se qualquer manifestação te-n conseguido romper, a sua defeza teria sido quasi nula.

Na zona 2, por exemplo, ter-se-hia organizado uma poderosa manifestação se se não couflassem anarquicamente ao acaso um certo numero de coisas. Mais de 4.000 trabalhadores a circundavam. Os nossos camaradas foram aqui de uma indecisão lamentavel. Todas as células desta zona, em especial, devem proceder a uma rigorosa auto-critica á ação de todos os seus membros.

Nos não somos bolchevistas simplesmente porque afirmamos só-lo. Somo-lo se de facto, na vida prática, na luta de dia a dia, applicamos os seus métodos.

A jornada de 25 de fevereiro em Lisboa deve ter-nos servido de lição dura para nos prepararmos para o proximo 1.º de Maio.

Cada C. R., cada C. Z. e C. L., cada célula deve ter em conta estas lições e reparar que o caracter e importância das manifestações do proximo 1.º de Maio não depende apenas do estado de espirito dos trabalhadores, que é excelente, mas tambem do estado da nossa organização, da medida em que soubermos aplicar praticamente as directivas recebidas para a constituição de grupos de auto-defeza e células de choque.

As células de choque devem ser constituídas e reforçadas com os elementos comunistas mais decididos e dedicados e apenas por comunistas. Os grupos de auto-defeza devem ser constituídos por todos os operarios dispostos á luta. comunistas ou simpatizantes e sempre que seja possível por empresas.

Os comités de luta pró 1.º de maio, devem tambem ser organizados em todas as empresas importantes.

Precisamos preparar-nos seriamente para responder á violéncia com a violéncia.

Só com essa condição ocuparemos o logar que nos pertence na vanguarda da classe operária.

Em Portimão — Ruidosas manifestações Um revolucionário de 14 anos

Existem actualmente uns 1800 a 2000 desempregados em Portimão. Calcule-se pois o entusiasmo com que o proletariado portimonense recebeu a noticia de que a Internacional Comunista tinha escolhido o dia 25 de fevereiro como dia internacional dos famintos, de protesto contra o sistema capitalista, desemprego e suas funestas consequencias.

Neste dia organizou-se, pois, no largo da Estação do Caminho de Ferro uma formidavel manifestação de trabalhadores. Guiada por uma bandeira com a divisa «Pão ou Trabalho» dirigiu-se a manifestação para os Paços do Concelho. Na altura do jardim, a força publica tentou dissolver a manifestação, preparando-se alem disso para fazer uso das armas. Vendo-se apontados, os camaradas que seguravam a bandeira, largaram-na, receando qualquer descarga. Foi então que o jovem de 14 anos Alcindo dos Santos, o rosto banhado de lágrimas, ergueu

Segue na 8.ª pagina



Continuação da primeira pagina

ua actual conjuntura; *exaltando*, até, em múltiplos casos, as «virtudes» do proletariado; no fundo e no aspecto interior da sua acção política e objectivos imediatos, detestam-nos, como entrave que somos às suas miragens de mando e de reparto, entre si, da *gamela*. E, detesta-nos, precisamente, porque no lugar duma propaganda abstrata, chauvinista, como a deles, nós colocamos a questão da luta imediata e decisiva, pela satisfação das necessidades materiais mais urgentes do proletariado e das massas camponesas, a questão da satisfação das suas aspirações sociais e políticas, deduzindo à sua luz a nossa tática de acção revolucionária independente. Detestam-nos porque, esclarecendo o proletariado, e os pequenos agricultores independentes no terreno da luta de classes e na fraqueza da burguesia liberal como congregação capaz de resolver, ainda que transitoriamente, os problemas económicos creados ao cabo de todo o período político da ditadura (crise agudíssima da indústria, do comércio e da agricultura,—ruína da pequena propriedade em geral,—baseadas nas medidas do Ministro das Finanças actual), demonstramos-lhes, ao mesmo tempo, que a demagogia burguesa já fez o seu tempo entre nós, com a experiência do 28 de Maio, e que, debaixo do ambiente desta crise, o proletariado e os camponeses do país, devem preparar-se para a instauração da ditadura democrática dos operários e das massas rurais e exploradas.

As forças coligadas do reformismo, do anarquismo e do anarco-sindicalismo, movem-nos uma campanha de difamação e de intrigas, de delação pública e secreta, porque, no momento mais agudo da podridão nas suas fileiras, da maior traição aos interesses das grandes massas, da mais clara traição às próprias afirmações por eles anteriormente produzidas, veem em nós o único agrupamento de linha revolucionária e de classe, verdadeiramente inquebrantável, e um estorvo prático e decisivo ao argamassar entre os trabalhadores nacionais, duma mentalidade de castração e de subserviência ao capitalismo.

Tornaram-se os nossos mais fiados inimigos, por termos denunciado às massas o seu comodismo e capitulação crassos.

No que se refere aos líricos anarquistas e anarco-sindicalistas, fizemos vêr aos trabalhadores—à nossa massa—quanto valia o ultra-revolucionarismo dinamitado desses renegados que, na própria culminância duma crise desesperada de massas, do avassalar da fome e da exploração no seio destas, começaram, a pouco e pouco e discretamente, a atrelar-se ao Governo da ditadura, pela sua participação em comissões *oficiais* do tipo fascista mais classico.

A integração burguesa nos assuntos do Estado fascista, dos social-reformistas nacionais, é, também, fenómeno que já não oferece dúvidas a quem quer que seja—depois do caudal de bambuchatas e de ludíbrio de massas, resultante das farças do B. I. T. e da representação do P. S. P. perante elas.

* * *

Mas, a história e a grande mestra, é o proletariado começa a vêr claro. Até aqui, a energia revolucionária não tem sido inexistente nas fileiras dos trabalhadores. O marasmo, mais ou menos prolongado, a que temos assistido no terreno da luta de classes, tem sido, fundamentalmente, por a essas massas faltarem os guias revolucionários e resolutos, por lhes faltar um agregado de classe que dispuzesse duma visão nítida das coisas, capaz de as fazer singrar pela senda que conduz, ineluctavelmente, à conquista da sua emancipação definitiva.

Esse agregado começa a aparecer, e temperado nas próprias batalhas diárias de classe; começa a aparecer, porque os factos o atestam; começa a aparecer, porque são justamente os nossos inimigos de classe que o demonstram; começa a aparecer, e somos nós precisamente que o constituímos, porque enquanto por um lado assistimos ao reconhecimento, pela ditadura, do P. S. P. e ao quasi reconhecimento da C. G. T., por outro lado toda a nossa organização comunista e sindical revolucionária, é arremessada, pela mesma ditadura, para a mais estreita clandestinidade.

O comunismo, eis o inimigo, grilam, à uma, todos os nossos adversários de classe e de tendências.

O comunismo, eis o inimigo, mas o inimigo invencível, dos verdugos e exploradores das massas miseráveis do país, gritaremos nós e com satisfação.

Arremessam-nos para a ilegalidade! Pois seja assim, já que assim o querem. Uma prevenção faremos desde já a toda essa pléiade de facinoras. — E' que jamais desarmaremos!

A situação creada pela ditadura, até nos agrada sobremaneira. A situação do reconhecimento deles e da nossa sujeição às condições de ilegalidade, recompõe, mais uma vez e definitivamente as verdadeiras forças sociais de classe do país, quebra uma série de ilusões existentes ainda há bem pouco tempo no campo interior do proletariado e da luta de classes.

— O amigo do nosso inimigo, nosso inimigo é... dirão os trabalhadores.

E' no nosso campo, pois, que estes últimos terão que buscar os seus verdadeiros defensores.

E, pela sua defeza integral, nós vertemos o sangue até à última gota.

III

Esta fase de terror branco que, como regra geral do fascismo, no nosso país segue ligada ao exacerbar das contradições capitalistas e das antagonismos de classe, isto é, ao recrudesimento da crise nacional económica e ao despertar das massas para a luta — paralelamente ao temperar do nosso Partido para a direcção do proletariado nas lutas próximas — põe, ante nós, uma série de problemas táticos, de propaganda, de agitação e de organização.

No número destas tarefas imediatas, a questão do prosseguimento, sem perda dum ritmo veloz, da agitação de massas, não importa que dentro do ambiente do fascismo mais concentrado, aparece em primeiro lugar.

Para chegarmos ao coroamento deste trabalho, para preparar a saída à rua e massiva dos trabalhadores do país, para romper definitivamente a ilegalidade sindical e política imposta pela ditadura, para chegar ao seu derrubamento, todos os nossos esforços devem consistir, antes de tudo, em transformar cada fábrica, cada oficina ou cada propriedade rural capitalista, em nossa verdadeira cidadela.

A conquista de novos elementos para o nosso partido, a consolidação da nossa influência no seio das massas, constituem o fulcro principal do desenvolvimento positivo da nossa acção futura.

É neste sentido que deve ser mobilizado todo o P. C., desde os seus órgãos centrais de direcção, até às células mais afastadas da periferia.

Alguns restos de confusionismo ainda existentes, e segundo os quais se pretende estabelecer o princípio de que é necessário crear-se no país uma atmosfera de maior liberdade, para depois desenvolver nessa base o papel de acção de massas do partido, deve ser rechaçado completamente, de oportunista que é.

Toda a análise consequente às tendências essenciais da organização política da burguesia no período actual (e não só para os casos de ditadura fascista), demonstra-nos que qualquer liberdade, por mínima que seja, só será alcançada mediante a reacção directa do proletariado, patenteada nas ruas. A liberdade não cai — como a graça de Deus, segundo os católicos — do céu e de mão beijada: — conquista-se pela força.

A conservação do ritmo assaz lento, como até aqui, do desenvolvimento das nossas fileiras e do nosso trabalho prático, é incompatível com as responsabilidades do nosso P. C. — neste momento de aviltamento total das massas trabalhadoras, da falência declarada da ditadura e de decomposição da democracia burguesa.

Para orientar a nossa acção de recrutamento ulterior é necessário não sub-estimar a agudez da crise capitalista nacional a que assistimos (como reflexo da crise capitalista mundial e bem assim as suas consequências no seio das massas assalariadas e, até, da própria pequena burguesia).

Todo esse trabalho deve ser canalizado na base das necessidades correntes das massas. O Partido, para melhor orientação das suas tarefas, deve transformar-se num verdadeiro termómetro

AUTO-CRÍTICA

É a auto-crítica, sem sombra de contestação, a qualidade mais virtuosa que caracteriza o bolchevismo.

A análise serena, sincera, de todos os defeitos e erros praticados por nós próprios, feita com a mais sã das intenções no sentido de aperfeiçoarmos toda a nossa actividade, de procurarmos remediar todas as imperfeições, de remodelarmos procedimentos pouco consentâneos com as necessidades, mais instantes da luta proletariana; a revisão constante de métodos e táticas, a todo o momento falíveis em face dos sempre novos aspectos que se apresentam dia a dia, no desenvolvimento cotidiano das tarefas que importa realizar, são a base essencial que permitem aos partidos comunistas distinguir toda a sua profícua acção de qualquer outro agrupamento político ou ideológico, que os transforma na mais perfeita organização, no aparelho mais potente e temível que, posto incondicionalmente ao serviço da causa dos trabalhadores, apreendendo constantemente as suas mais ínfimas aspirações, correndo ao seu encontro e indicando-lhes concreta e claramente a solução prática para cada caso, que tropeçam inevitavelmente não só com a resistência tenaz e natural do Estado burguez, mas também com a nítida e criminosa oposição dos elementos adversários de tendência, impõem ao conceito das camadas mais sofredoras do proletariado a sua preferência, como arma eficaz na liquidação do capitalismo.

Não pode nem deve o P. C. P. fugir á regra geral e talvez ele, até, com mais propriedade do que qualquer outro se encontre na dura contingência de se empregar, mais a fundo em tão árdua tarefa, dada a vida anómala que tem atravessado, atentos os inúmeros pontos fracos de que enferma, as graves deficiências que o atrofiam, as lacunas formidáveis a preencher, que requerem pronta solução, que não podem aguardar melhor oportunidade.

Dedicaremos sistematicamente uma muito especial atenção a tão magnó assunto, procurando, de cada vez, tocar um detalhe determinado, no intuito de fazer compreender a toda a massa aliada, na generalidade, e em especial aos que a questão mais interessa, em cada caso especial, a indispensabilidade de reagir de modo a dar satisfação ás necessidades de aperfeiçoamento de todo o aparelho partidário, para que corresponda á confiança que toda a massa escravizada deve depositar no seu Partido, guarda avançada na guerra reivindicadora que declarou ao capitalismo e que a conduzirá inevitavelmente á vitória, que tão sangrenta mas firmemente está sendo cimentada por toda a parte, onde a burguesia consegue dominar ainda, em paróquias de crueldade extorcorante.

Porque temos que começar por qualquer principio e dada a sua importância extraordinária que para o nosso Partido representa, seja encarado sob que aspecto for, tomemos neste momento o Porto como ponto de referência de partida.

Essa cidade, essencialmente industrial e comercialista, é o segundo centro de concentração proletariana do nosso paiz e a característica da sua população laboriosa é, também e inconteavelmente, essencialmente proletariana e revolucionaria. Contudo, a influência produzida directamente pelo P. C. P. sobre a grande massa produtora, sobre a base essencial de toda a acção revolucionária em que assenta toda a organização partidária e justifica a sua existência, pode ser considerada como pouco mais do que nula. Os trabalhadores mais explorados, os famintos, os miseráveis, aqueles que formam a grande legião mais aguerida de qualquer partido comunista, por se sentirem mais agulhoados pelas injustiças flagrantes impostas pelo antagonismo das classes dominantes e dominada; aqueles que chegados ao ultimo grau da escala do sofrimento se vêem impelidos, finalmente, a caminhar ávante, desencadeando a inevitável contra-ofensiva com o proposito de aniquilar o adversário que o pretende esmagar; aqueles, enfim, que são a única razão de ser de um Partido que luta pela hegemonia politica do proletariado, condição indispensável para os trabalhadores conseguirem a almejada emancipação, esses, parece não terem sentido ainda, na invieta cidade, a exigência patente de se aglomerarem em torno duma mesma organização disposta a tudo arriscar para tudo conseguir, conqui-

tando para o proleariado o logar que lhe pertence, destraldando denodadamente a bandeira rubra da revolta, da guerra sem quartel ao capitalismo explorador e assassino.

A organização partidária comunista do Porto, apresentando tão lamentável aspecto de vida sedentária que ainda presentemente se arrasta, numa ocasião em que a massa se radicalisa com uma velocidade impressionante por todo o paiz, acorrendo pressurosamente ás fileiras do nosso Partido, que aumentam sem cessar e intuitivamente, ansiosa por dar, finalmente, início a uma acção profícua no sentido de solucionar o grave problema do seu direito á vida, requer uma atenção muito especial dos elementos responsáveis daquela cidade, a quem forçosamente terá que exigir-se um redobramento de actividade e uma muito maior soma de sacrificios, quebrando de uma vez para sempre a linha errônea seguida durante tanto tempo.

A organização partidária comunista, ao contrario de qualquer partido politico-burguez, por mais extremista que pretenda apresentar-se, não é um consilio cerrado ás conveniências restrictas dos seus chefes, que movem as hostes arregimentadas ao sabor dessas mesmas conveniências. Muito pelo contrario! O Partido Comunista é um vasto campo aberto a toda a massa explorada, á qual se prende a necessidade da sua constituição e desenvolvimento, e é a essa mesma massa, base em que assenta todo o edificio partidário, que compete pronunciar-se; é para dar satisfação ás suas mais legítimas aspirações, que toda a acção deve ser conduzida.

Justamente esta verdade elementar parece não ter sido convenientemente compreendida na capital do norte, de onde tem resultado, de certo modo, uma organização algo abstracta, sem alicerces sufficientemente sólidos, permitindo uma preocupação primacial de lutas mesquinhas e intestinas, que lançaram ao olvido as tarefas principais de: educação revolucionária, recrutamento e formação de quadros, de consequências tão funestas que a primeira arremetida mais séria dos esbirros governamentais, se pode assistir a um enfraquecimento sensível e perigoso do fragil aparelho existente.

Urge, portanto, imprimir uma nova modalidade a todo o trabalho comunista no Porto, forçando-o a enveredar pelo verdadeiro caminho que lhe está indicado até atingir o logar a que se não pode eximir. Uma depuração completa, total, do equivoco ambiente em que se debate e o manietta, se impõe á consideração de todos os filiados, conduzidos com segurança e precisão pelos camaradas responsáveis.

Deve proceder-se a uma larga campanha de esclarecimento e educação directa, sistemática, incessante, para completa integração da massa proletariana no verdadeiro papel que lhe está destinado no seio do Partido Comunista, que sem ela não poderá cumprir a grande missão que lhe está determinada.

A todo o preço, custe o que custar, é indispensável que a organização comunista no Porto perca a sua característica superficial em que tem vivido e desça bem ao fundo, ao âmago do vulcão latente, baixe até á base que tem que conquista, imprescindivelmente, por meio de realisações práticas e concretas, se infiltre por entre a massa anónima das maiores vítimas do capitalismo-ladrazavaz, unica a que tem de servir, finalmente.

E quando todos os camaradas que no Porto tão espontânea, voluntaria e denodadamente se dedicaram á ingrata tarefa de ampliar a esfera de influencia do P. C. P. se convencerem e compenetrarem desta grande necessidade, indispensável e urgente, e a levarem á pratica enfrentando, embora, todos os perigos, contrariedades e deceções, o proletariado portuense integrar-se facilmente no importante papel que lhe está distribuído e rapidamente alcançará o posto de honra que o aguarda.

A Federação da Juventude Comunista Portuguesa publica um jornal clandestino

A F. da J. C. P. acaba de nos informar que esta em vias de publicação o seu jornal impresso «O Jovem Proletário» destinado a defender os interesses da juventude trabalhadora portuguesa e a servir-lhe de orientador na luta pelo derrubamento do capital.



Continuação da 4.ª página

de massas. Em tal sentido uma missão importantíssima cabe às células em primeiro lugar. Para isto elas devem transformar-se, de centros escolásticos e de *caraco* que vêm sendo, numa grande parte dos casos, em verdadeiras alavancas de agitação.

E isto é tanto mais urgente, quanto é certo que a situação actual impõe que nos não deixemos colher de surpresa pelos acontecimentos, de maior ou menor importância política, que na região portuguesa se desmrolam.

As fábricas, às massas e sempre às massas, tal deve ser a nossa palavra de ordem.

Depois, verificando as condições de ilegalidade que nos são impostas, verificando a proibição, por parte da policia, e do Governo, da circulação legal do nosso órgão—«O Proletário»—para chegar ao cabo da sua missão, o Partido tem sobre si a tarefa não só de substituir a publicação de «O Proletário» por uma folha clandestina central para coordenação de todo o trabalho de agitação, mas sobretudo o de crear na periferia outras tantas folhas, em complemento desse trabalho.

O sistema de *folhas volantes*, ainda que dactilografadas, dedicadas sobretudo à análise bolchevista dos assuntos correntes de tal ou tal fabrica, deve ser posto em pratica quanto antes.

Esta necessidade resalta claramente: 1.º porque é impossível tratar no órgão clandestino central todas as questões práticas que interessam as massas e 2.º porque uma expansão verdadeiramente massiva, tão massiva quanto é necessario na presente conjuntura, é obstruida pela situação politica que atravessamos.

Deste modo deve partir-se do principio de que o órgão central clandestino faz de elemento coordenador e de base material e ideologica para auxiliar as células na elaboração das suas folhas volantes seguindo a linha geral do Partido. Além disso a ele cabe a critica bolchevista e a agitação no aspecto nacional, ou dos problemas de importancia nacional.

As folhas volantes devem ser consagradas especialmente aos casos concretos, especificos a tal ou tal industria ou agregato proletario.

A criação destas folhas não deve retardar-se sob o pretexto da impreparação dos efectivos do Partido para estes trabalhos de redação.

A massa, a grande massa que sente a fome; a ameaçar os seus lares, não busca as literatices para suavização dos seus flagelos; ela carece duma linha politica e de actuação revolucionaria que lhe sirva para a auto-debelação dos mesmos. Deixemos, pois, a literatura ao cuidado dos anarquistas e dos anarco-sindicalistas e outros. Para nós adopta-se uma linguagem rude, de verdadeiros proletarios, contanto que seja expressiva e sinceramente revolucionaria.

Paralelamente a estas tarefas gerais de imprensa revolucionaria, deve correr uma outra: a da agitação pessoal e directa no proprio seio das massas.

Os membros do P. C. e os elementos simpatizantes devem aproveitar toda a sua estada em conjunto com o proletariado, devem aproveitar todos os momentos de intervalo nas sessões do trabalho profissional, para se dedicarem a uma propaganda e acção sistematica, para completar a agitação iniciada pela nossa imprensa.

Nas fabricas devem ser organizados, mediante o recrutamento entre a massa que se revela simpatizante, circulos especiais para o desenvolvimento e consolidação da nossa influencia no seio da maioria do proletariado e para a sua mobilização futura. Estes circulos devem propor-se constituir o principal nucleo de acção comunista no interior nas fabricas, de harmonia com as necessidades correntes da nossa acção ahi.

Procedendo assim, dando corpo a este edificio embora elementar, poderemos convencer-nos de ter realizado um apreciavel passo em frente no abandono dos velhos metodos de trabalho revolucionario entre nós e na sua substituição por outros mais decisivos na preparação efectiva duma base de massas para a luta contra os inimigos do proletariado, de classe ou de tendencias, que, na conjuntura que passa, nos cercam nos quasi 360º do horizonte nacional.

Por "ÁVANTE!"

A TODOS OS COMITÉS REGIONAIS, COMITÉS DE ZONA E CÉLULAS, DO PARTIDO COMUNISTA E DA J. C.—A TODOS OS NOSSOS AGENTES DE VENDA

Informamos de que o jornal se publicará quinzenalmente. Na mesma data que o jornal trouxer, receberão todos os agentes de venda, os respectivos jornais. O Comité Regional de Lisboa receberá-os na vespera. É conveniente que todos os agentes, realizem a sua rapida difusão, no mesmo dia ou, dentro de dois ou tres dias, o maximo.

O Comité Regional de Lisboa, deverá entregar-os aos Comitês de Zona, no mesmo dia em que os receba. Os Comitês de Zona deverão difundir-los no mesmo dia pelos secretários de célula. Para isso terão uma reunião extraordinaria com eles em todos os primeiros dias após a saída do jornal.

Os secretarios de célula devem proceder analogamente relativamente aos filiados das suas células.

Num prazo maximo de 8 dias deve estar na posse da comissão de imprensa todo o produto da venda dos jornais.

Sem isto «Avante!» não poderá viver!

Sem isto «Avante!» não poderá ser o grande jornal, o grande defensor revolucionario das massas exploradas, que pretende ser

«Avante!» quer triunfar!

Quer transformar-se num grande jornal!

Quer ser um agente revolucionario forte, invencivel!

Das agentes de venda dependem pois o seu triunfo. Da maneira e da rapidez com que for difundido e vendido.

Para nós, comunistas, não ha impossiveis, não ha dificuldades insuperaveis, não ha lentidão nem cansaço, por isso

«ÁVANTE!» TRIUNFARÁ !!

A Comissão de Imprensa.

RECONTROS COM A FORÇA PUBLICA

As autoridades só conseguem restabelecer a ordem depois da chegada de reforços vindos de Leiria

Marinha Grande, 23 — Esta localidade é um importante centro industrial, sobretudo da industria da vidraria. A crise de trabalho é tremenda e vem agravar as, já de si péssimas, condições de trabalho dos operários. A exploração sobre os trabalhadores adultos, jovens e sobre o trabalho feminino não tem freio. Sob a pressão de uma exploração e repressão cada vez mais intensa as massas trabalhadoras radicalizam-se dia a dia.

O manifesto do Partido proclamando o 25 de Fevereiro como dia de luta decidida, contra a crise de trabalho foi aqui acolhido com ansiedade, esgotando-se rapidamente.

A Marinha Grande despertou nesse dia com um aparato policial desusado. Apesar disso a marcha da fome organizou-se de tarde. A policia interveio com a brutalidade costumada mas os trabalhadores desempregados resistiram e apesar de por várias vezes ter sido dissolvida, voltava a reorganizar-se com mais ardor e maior número de manifestantes.

A policia e a guarda eram já impotentes para conter a massa sempre crescente de esfomeados. As lutas generalisaram-se até á meia noite, hora a que chegaram reforços constituídos por uma força de infantaria 7, de Leiria, que finalmente conseguiram restabelecer o dominio das espingardas.

Consta-nos terem sido feitas várias prisões mas á hora a que escrevemos é-nos impossivel acrescentar mais detalhes.

O proletariado da Marinha Grande demonstra umas qualidades de luta admiraveis. A jornada de 25 de fevereiro, não é senão o inicio de uma série de lutas cada vez mais violentas pelas palavras de ordem do Partido: pelo reconhecimento do direito á vida aos desempregados. — C.

DA U. R. S. S., pátria dos trabalhadores

Manifesto de 300 mil engenheiros e técnicos da União Soviética Aos engenheiros e técnicos do mundo capitalista

O imperialismo internacional de acordo com os inimigos internos, tentam de novo, mediante a provocação, a mistificação e as baionetas, derrubar o poder Soviético na U. R. S. S., aniquilando esta República proletária, onde milhões de trabalhadores das fábricas, milhões de camponeses, pobres e médios, conjuntamente com a vanguarda dos intelectuais revolucionários, edificam, à custa de heroicos esforços, uma República Socialista.

Os imperialistas sonham afogar em ondas de sangue, de trabalhadores, as realizações grandiosas obtidas com a reedificação total da vida económica e social no País dos Soviets, aonde possibilidades ilimitadas se oferecem, ao desenvolvimento do pensamento científico, aonde a exploração do homem pelo homem foi extripada duma vez para sempre e em que as formas socialistas de organização da economia, foram lançadas vitoriosamente, duma maneira definitiva.

Os imperialistas, cuja avaréza não conhece limites, em nome do ouro e para poder continuar a opressão, o regime de fome e o suplicio de milhões de proletários, queria, desde 1931, empreender uma intervenção armada na U. R. S. S.

Os especialistas técnicos revolucionários, que lutam com todas as suas forças, ao lado da classe operária e sob a direcção do Partido Comunista, pela edificação do socialismo, pela execução do grandioso plano quinquenal em 4 anos, exortam, a todos os engenheiros e técnicos dos países capitalistas, que sofrem o sistema anacrónico desses países, as cadeias insuportáveis da racionalização capitalista, a erguer a sua voz poderosa, num protesto veemente e indignado, contra a nova guerra de bandidos, de pilhagem e estrangulamento, que se prepara, contra a primeira República de Soviets, afim de a submeter ao domínio da pata fascista, transformando-a numa colónia, sujeita à opressão do mundo capitalista.

Nós, vos exortamos, engenheiros e técnicos da vanguarda revolucionária, a unir os vossos esforços, para uma luta em comum, aos das massas trabalhadoras dos países capitalistas, que sobre os seus ombros tomaram, firmemente, o encargo de defender, a União Soviética contra todos os seus inimigos!

Em nome de 300.000 engenheiros e técnicos:

O comité ampliado da Repartição Inter-Secção da U. R. S. S.
(Seguem as assinaturas, seguidas das profissões dos signatários que totalizam 95).

A Produção aumenta poderosamente

MOSCOW, 16 — Calcula-se, que no primeiro trimestre deste ano, se fará a extração de 6 milhões de toneladas de petróleo, ou seja 44% a mais do que em igual período de 1930.

No Congresso dos Soviets do Norte, os lenhadores, delegados, repudiavam enojados as calúnias anti-soviéticas

MOSCOW, 24 Fevereiro — (Tass) Abriu-se em Arkangel, o congresso regional dos Soviets, em que a maioria dos delegados é constituída por trabalhadores em madeira.

Os delegados ouviram com a maior atenção o discurso do camarada Bergavinov, secretário do comité do Partido Comunista, da região do Norte, que examinou, com detalhe, as insinuações da imprensa estrangeira, relativas à exportação de madeiras Soviéticas.

O relato provocou a hilariedade dos delegados, sobretudo na parte em que cita as passagens do artigo do «Times» de 31 de Janeiro, último.

Esta passagem afirma que os presos eram «vendidos» aos trusts soviéticos e que o seu trabalho era empregado na construção da linha do caminho de ferro, Koltas — Soroka, quando, na realidade, ainda não foi votada nenhuma soma para esta construção, da qual, nem um só metro de via, foi construído.

Nas explorações florestais da região do Norte estão empregados 200.000 operários e não 30.000.000 de prisioneiros, como afirma o «Times».

Depois de ter repellido as invenções relativas ao trabalho forçado na U. R. S. S. o camarada Bergavinov referiu-se à «escravatura exercida pelo capitalismo nas respectivas colónias descritas no livro Branco reaparecido em Inglaterra».

O discurso de Bergavinov foi inúmeras vezes interrompido por estrondosas gargalhadas e exclamações de indignação.

A «Agência Tass» acrescenta que logo que o relator leu os extratos do «Times», o consul da Noruega, que assistia ao congresso, não pôde abster-se de rir.

No dia 25 de Fevereiro os salários dos mineiros soviéticos foram aumentados em 20 por cento.

MOSCOW, 26 Fevereiro — (Tass) Os salários dos mineiros e dos empregados em trabalhos subterrâneos foram aumentados em 20 por cento.

Esta decisão comunicada pela agência Tass é duma grande importância. Os trabalhadores que no passado dia 25 se manifestaram contra o desemprego e pela defeza da U. R. S. S. tem neste facto um magnífico e oportuno exemplo, das vantagens que trás às classes laboriosas, a Revolução Proletariana, a Revolução Comunista.

A Rússia, pátria dos trabalhadores, envia socorros aos desempregados norte-americanos

A U. R. S. S. é um país em que a burguezia foi apeada pelas massas proletárias, secularmente escravizadas.

É um país de trabalhadores, onde a maior aspiração é o bem-estar colectivo e portanto a Revolução Mundial Comunista. O parasitismo é expressamente proibido e além disso ha trabalho e pão para todos. Não existe portanto o desemprego. Caminhando a passos de gigante, para uma felicidade maior eles não esquecem, contudo, os seus irmãos proletários do estrangeiro, que ainda não conseguiram libertar-se das cadeias burguezas. One assim é prova-o o envio, agora feito, pelo governo da U. R. S. S. ao governo dos E. U. duma importantíssima soma, para os sem-trabalho.

Como são os trabalhadores que morrem de fome e não o governo, isto é, o capitalismo, a burguezia, o dinheiro foi imediatamente devolvido, A miséria não lhes interessa!



bem alto, nas suas mãos púberes, a bandeira, gritando: Temos fome! Queremos pão! Em frente camaradas! A atitude desta heroica creança entusiasmou formidavelmente a multidão, que em delírio, gritava: Em frente, em frente, camaradas!! Dirigiu-se imediatamente a manifestação para os Paços do Concelho. Aqui ostentou-se durante algum tempo a bandeira, para que todos vissem, sobretudo as autoridades, que as massas exploradas exigiam pão ou trabalho! Nesta altura a força pública carregou de novo, e com mais violência, sobre os manifestantes. O comandante da força pública, um tenente da G. N. R., ameaçou-nos com um revolver, dizendo: Tenho aqui cinco balas para vos meter na cabeça. E' esse o pão que vocês querem dar aos trabalhadores, respondemos-lhe!

Fizeram-se três prisões que não foram mantidas.

Na China a revolução mundial caminha

A guerra anti-soviética de Tchang Kai-Chek e a contra ofensiva do exercito vermelho chinéz

Desde a tomada de Tchangcha pelo exercito vermelho, em Agosto do ano passado, os imperialistas exigiram dos militaristas chineses, que assinassem um armistício momentâneo na guerra de generais e que lançassem todas as suas forças contra o movimento soviético, em rápido progresso. Acedendo a este desejo dos imperialistas, o governo de Nankin pôs-se imediatamente a executar a «campanha de extermínio» dos comunistas, nas províncias de Kiangsi, Hunan, Hupe, Foukien e Nganhui.

Para esta campanha mobilizou mais de 20 divisões.

A quarta sessão plenária de Kuomintang (partido Nacionalista) na conferência de Wantchang foram dominadas pelos debates sobre a luta anti-comunista.

Receando que as tropas tão abnegadamente fiéis ao governo de Nankin, podessem amotinar-se influenciadas pela propaganda revolucionária, apreensão justificada pela exortação (por exemplo, as divisões de Tchiang-Kwong-Nai e Tsai-Ting-Kai passaram-se para o exercito Vermelho) dispendeu-se muita atenção com a escolha das Tropas.

Com o fim de extripar das massas a ideologia comunista, os territórios soviéticos chineses, foram inundados por milhões de manifestos, lançados por aviões.

As cabeças dos dirigentes do exercito vermelho, foram postas ao preço de 50.000 dólares! Mais de 30 aviões militares, bombardearam o território soviético.

Novas conquistas do exercito Vermelho Chinéz

Hupe, 5 — Apesar de algumas perdas, como por exemplo, o abandono forçado da cidade de Tehi-An, centro importante dos territórios soviéticos, o exercito vermelho conseguiu, no decorrer dos seus combates contra os ataques furiosos da contra-revolução, conquistar até meados de Dezembro, a importante cidade de Kiang, ao Sul do Kiang-Si.

A conquista de novas cidades durante o mês de Dezembro prova o continuo avanço do exercito vermelho. Assim, foram tomadas as cidades, de Tunku, ao noroeste de Viangsi, de Tsanting e de Jun-Ding, a oeste de Foukien, de Nanchun, Si-Chen e Ho-Peung, ao norte de Kwantung. As cidades de King-Sain e San-Saing, a oeste de Tchekiang, foram sitiadas e ocupadas pelo exercito vermelho. O terror que paira sobre os senhores feudais destas regiões, demonstra-se com a chuva de telegramas que continuamente enviam ao Governo de Nankin, para que corra em seu auxilio.

As cidades de Dsing, Funchen, Hua-Jung, Nanchain, Sisan e Djen-Li, na fronteira de Hupé e do Hunan, foram igualmente sitiadas e parte, já ocupadas, nestas últimas semanas. O exercito vermelho combate ás portas das cidades de Zalin, Ji-Chen e Hus-

-Suan, na fronteira de Hunan e do Kiangsi. Dos treze distritos da ilha de Hainan, ao sul do Kwantung, quatro estão inteiramente nas mãos do exercito vermelho e 6 debaixo da zona de influência dos revolucionários.

Continua avançando victoriosamente o exercito vermelho

Shanghai, 6 — Nota-se grande actividade da parte dos comunistas nas províncias de Hunan e Kiangsi. Nesta última os comunistas aprisionaram o general Chang-Hiu-Chan, comandante duma divisão, dos exercitos do governo de Nankim. Pelo seu resgate pedez-se, 2.000.000 de pesos mexicanos.

As forças comunistas das províncias acima citadas, estão dando mostras de grande actividade, passando da defensiva á ofensiva, atacando energicamente as forças nacionalistas do governo de Nankim e obtendo grandes vitórias.

Em defesa das 8 horas — Numa greve geral de 43 horas em Barcelos

Barcelos, 20 — O Administrador deste concelho está inteiramente nas mãos do patronato. Aqui desconhece-se em absoluto que existe uma lei que estabelece a jornada normal de 8 horas. Quer na indústria quer no comércio a jornada de trabalho é regulada pela real gana do patronato com o assentimento das autoridades, sem fiéis serventuários. Ha longo tempo que a Associação operária local vem reclamando contra este estado de coisas, sem que seja atendida. O estado de efervescência entre os trabalhadores era grande e em 11 e 12 abandonaram os trabalhos em sinal de protesto. A paralização foi total durante estes dois dias. Como sempre a força pública intervem violentamente tendo sido efetuadas numerosas prisões, mas o proletariado de Barcelos realizou a mais importante greve que se tem efectuado neste concelho. Ela manifestou a sua decisão firme de lutar contra a fome e contra a miséria que lhe é oferecida pelo sistema capitalista. Ele aprenderá neste movimento a aperfeiçoar a sua organização e a preparar-se para as novas e decisivas lutas que se avizinham. — C.

N. R. — Entretanto a comissão do código de trabalho de que faz parte o socialista José Augusto Machado, de mãos dadas com os amigos dos trabalhadores, Intendente Geral da Policia e o celebre Ferreira do Amaral, continuará afirmando, que as 8 horas de trabalho serão cumpridas...

DE ERVIDEL

Ervidel, 26. — O manifesto do Secretariado do Partido e da Comuna, foi nesta povoação rural muito bem acolhido pelos trabalhadores. As autoridades apavoraram-se e tomaram extraordinárias medidas de ordem. Vários camaradas foram presos sob a acusação de terem distribuído o manifesto. Perante o aparato repressivo e devido á desorganização dos trabalhadores, não foi possível organizar a manifestação. Nós devemos ter em atenção que não basta concordar com as palavras da ordem do partido, respeitantes a reclamações.

E' preciso sobretudo saber aplicar as suas palavras da ordem de organização, sem a qual não ha luta saudavel. — C.